

GILBERTO FREYRE: *Tempos de Aprendiz*

Antônio Paulo Rezende*

RESUMO: Neste artigo analisamos as relações entre o moderno e o antigo, buscando compreender como se produziam as representações sobre a modernidade no Recife do início do século. Analisa-se a obra de Gilberto Freyre escrita na década de vinte. O objetivo é não perder de vista as ambiguidades marcantes na sua obra e da sua personalidade. É importante, inclusive, verificar como este autor cria suas representações sobre si mesmo, como alimenta paradoxos, para ele uma marca da sua intrigante maneira de ser. Nada mais sugestivo do que se dizer "modernista ao seu modo tradicionalista".

Palavras-chave: Modernismo, Freyre, Recife, Tradicionalismo.

Neste artigo, nossas análises terão como base principal a produção de Gilberto Freyre na década de vinte, nos primeiros tempos do modernismo. É uma parte do capítulo IV, "Gilberto Freyre: tradicionalista ao seu modo modernista ou modernista ao seu modo tradicionalista?", da nossa tese de doutorado em História intitulada "(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte". A leitura das anotações do seu diário pessoal, dos seus artigos de jornais no *Diário de Pernambuco*, de suas reflexões sobre a relação entre o moderno e tradicional, de seu discurso regionalista, servirão de elementos constitutivos da nossa análise.

Trata-se do Gilberto Freyre anterior à *Casa-Grande & Senzala* que vivenciou o ambiente cultural norte-americano e europeu, no período de 1918 e 1923, convivendo com

intelectuais envolvidos com o modernismo. A sua volta para o Recife e os conflitos que ele enfrentou para afirmar-se como intelectual nos dão elementos para pensar que, já na década de vinte, Freyre defendia certos princípios que estariam presentes em toda a sua obra.

Polêmico, Polêmicas

Gilberto Freyre, pernambucano, nascido em 1900, produziu uma obra polêmica que provocou reações das mais diversas. É difícil situá-lo numa área de conhecimento específica. Escreveu sobre vários temas que vão desde a análise mais geral da sociedade brasileira e sua formação histórica até os sabores sublimes da culinária nordestina. Consolidou-se como intelectual de uma região considerada conservadora, com uma sociedade de procedimentos arcaicos, não condi-

* Professor do Departamento de História da UFPE

zentes com a modernidade. Nem por isso deixou de ter o reconhecimento nacional e internacional do valor da sua obra e dos seus comentários sobre os caminhos singulares seguidos pela sociedade brasileira.

Os seus muitos comentadores preocupam-se em analisar seus trabalhos a partir da sua obra mais famosa *Casa-Grande & Senzala*, publicada pela primeira vez em 1933. O livro comemorativo dos 25 anos de publicação de *Casa-Grande* foi, na verdade, uma grande exaltação a Gilberto Freyre, com participação de intelectuais como Jorge Amado, Ariano Suassuna, Anísio Teixeira, Antônio Cândido, Astrojildo Pereira, entre tantos outros, que produziram textos sobre a influência de *Casa-Grande* na chamada moderna cultura brasileira¹. A biografia escrita, por Diogo de Mello Meneses, sobre a vida de Freyre até 1944 é, inegavelmente, outro momento de exaltação desmedida da sua contribuição intelectual². Carlos Guilherme Mota considera que, apenas, depois de 1967, se fez um balanço realmente crítico da produção de Gilberto Freyre. Mota acrescenta que a postura de Freyre "*se apresenta, ela mesma, como objeto de investigação estratégico: contém as ambigüidades daquilo que se poderia denominar uma 'geração de explicadores da cultura brasileira'*"³. Mota ainda atribui o prestígio e o poder de Freyre a sua condição de intelectual numa região de industrialização tardia, onde os compromissos com uma visão senhorial de mundo são marcantes⁴.

O próprio Gilberto Freyre procurou criar uma condição especial para sua maneira de pensar o mundo e sua produção intelectual. Foram várias as colocações nessa perspectiva. Num depoimento dado em 5/11/1978, ele afirma:

"Não sei se me interpreta bem quem diz que sou o homem das matizes. Sou, antes, o homem dos paradoxos. Creio que sou chocante sobretudo

*pelos paradoxos. Acredito muito na verdade que os paradoxos apresentam. Acho que quase todas as verdades estão em paradoxos. Sou francamente paradoxal e, com isso, tenho tendência a escandalizar os bem-pensantes. Os paradoxos chocam os bem-pensantes, e chocam também os matemáticos"*⁵.

Ao interessante depoimento acima podem ser acrescentados outros, onde Freyre insiste em destacar sua originalidade como produtor de idéias e justificar como articular na sua obra as contradições de um autor moderno com uma prática política conservadora. Um dos seus críticos, Dante Moreira Leite, admite o impacto de renovação da obra de Freyre na década de 30. Coloca Dante: "*De qualquer forma, de Franz Boas, Gilberto Freyre conservou o princípio de que não existem raças superiores e inferiores o que, no ambiente brasileiro de 1930-1940, era um princípio totalmente novo, pelo menos esquecido pela grande maioria*"⁶. Mas, sem dúvida, há na obra de Gilberto Freyre laços de continuidade com a tradição do pensamento brasileiro das últimas décadas do século passado.

Roberto Ventura chama atenção para essa continuidade quando afirma que

*"baseado no elogio de Romero à mestiçagem e na concepção de Nabuco sobre a suavidade das condições de vida nos engenhos familiares, Freyre constrói o mito da brandura nas relações entre os senhores e escravos, amortecidos pelo óleo lubrificante da miscigenação". Considera, além disso, que Freyre "traçou uma vasta crônica social que procurou reconciliar, pelo elogio épico à fusão das raças e culturas, a sociedade brasileira com o seu passado escravocrata"*⁷.

Realmente, há, em Freyre, uma característica bem peculiar. Ele não se mostra angustiado com a herança cultural brasileira e não poupa elogios aos bons envolvimento dos nossos colonizadores com os trópicos. Onde muitos viram desencanto, Freyre destaca originalidade e não se afoga em lamentos.

Ele próprio ressalta o impacto que teve a retomada da sua vivência, na sua terra natal, de onde houvera saído com 18 anos:

*"Saí daqui quase menino, como se diz, e voltei homem feito, depois de uma variedade de contatos em meios universitários e extra-universitários nos Estados Unidos e na Europa. Ao voltar ao Brasil, depois dessa ausência de 5 anos, deparei-me com um meio que me desorientou: ao qual me senti totalmente estranho"*⁸.

É importante entender como essas experiências foram aproveitadas e como elas deram elementos para Gilberto Freyre inventar a sua explicação do Brasil. Há em autores como José Aderaldo de Castro, Souza Barros, Neroaldo Azevedo uma preocupação de registrar e discutir o papel de liderança intelectual que teve Freyre, na década de vinte, em Recife, não desprezando esse rico período da sua formação intelectual.

De qualquer maneira, apesar de ligado por parentesco às famílias tradicionais pernambucanas, Freyre procura profissionalizar-se como intelectual, atuando na imprensa e tendo uma experiência política como assessor do governador de Pernambuco, Estácio Coimbra, nos últimos anos da década de vinte. Vivendo numa cidade com uma memória histórica significativa, ele tem oportunidade de enfrentar questões diferentes das questões enfrentadas pelos intelectuais do Rio e de São Paulo. O contexto político e social do Recife é outro e, apesar das dificuldades iniciais de readaptação, sua opção pela necessidade de se conciliar com o seu passado e tomar a defesa de muitas das tradições que estavam sendo desprezadas vai sendo registrada nos seus escritos.

As experiências e impressões do cotidiano são reveladoras para se acompanhar as travessias intelectuais. Tem suas razões Peter Gay quando conclui que

"além de ser um encontro da mente com o mundo, a experiência é também um encontro do pas-

*sado com o presente... Chamar o homem de 'animal cultural' equivale a enfatizar que ele é por natureza um animal que aprende a partir da experiência, ainda que, por vezes, apreenda lições erradas". E mais ainda "os homens, nem mesmo os loucos, não inventam simplesmente o seu mundo. Os materiais que empregam para construí-lo são quase todos do domínio público"*⁹.

Na obra de Freyre os encontros e as conciliações do passado com o presente apresentaram-se constantes. Ele faz questão, como veremos adiante, de não relegar o vivido, de não ressaltar apenas os devaneios intelectuais.

Não se trata, no nosso caso, de fazer uma leitura freudiana da obra inicial de Freyre, as razões íntimas e/ou inconscientes de seus paradoxos. O intelectual trabalha com materiais que não surgem do acaso e lida com toda uma sociedade e uma cultura que o antecedem. Construindo sua história qualquer indivíduo vai sofrendo influências, reconhecendo limites, buscando reinvenções. Seria o próprio Gilberto Freyre, em artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, já em 13/11/75, que afirmaria:

"Dentro dos meus modestos limites nunca me senti amesquinçado pela insinuação de ter me inspirado para isto em Boas ou em Walter Pater, para aquilo em Silvio Romero, para aquilo outro em Martins. E até no bom e simples Pereira da Costa. É possível que possam ser identificadas, até, tais inspirações ou sugestões. Mas cada uma delas terá sofrido uma tal gilbertização que - modesta à parte - a idéia ou sugestão ou a informação alheia que continha nasceu de novo. Gilbertizou-se".

Mas o que significa mesmo essa gilbertização?

Tempos Modernos e Tantos Tempos¹⁰

Partindo de Recife para os Estados Unidos, no princípio do ano de 1918, estava Gilberto Freyre indo para uma viagem de muitos tempos. Não aquele tempo linear,

evolutivo, espremido no faz-de-conta do cotidiano, mas tempos que se entrecruzam na memória, assombrando com seus conflitos, projetando com as suas novidades, despertando sonhos e inventando mundos. Era, sem dúvidas um privilégio, uma grande aventura intelectual para época, mas representava uma mudança significativa nos costumes, um remexer com uma herança cultural recebida, com as tradições vividas numa sociedade com marcas bem fortes de patriarcalismo. Gilberto Freyre fora, portanto, vivenciar mais de perto os tempos da modernidade, conviver com as invenções modernas, assistir e participar das polêmicas intelectuais que influenciariam, substancialmente na sua produção posterior¹¹.

Nas anotações do seu diário, Freyre registrou suas primeiras andanças nas leituras de autores que foram importantes para sua definição intelectual. Em 1915, estava fazendo leituras que deixaram os mais velhos espantados, segundo conta. Comte, Nietzsche, Spencer, Stuart Mill estavam entre seus prediletos. A sua precocidade é ressaltada por ele próprio.

"Às vezes me experimentam: dão-me trechos de autores ingleses e franceses para traduzir. E como eu traduzo tudo com facilidade e até um pouco de latim... ou mesmo um pouco de Grego - compondo em grego - eles me proclamam um prodígio. Se sou prodígio não é por essas erudições" (TM-p.5).

As leituras sobre o positivismo, orientadas pelo seu pai, são salientadas em outras anotações do diário (TM-p.6). Mas as suas andanças literárias e filosóficas foram constantes e variadas. Passaram por Tolstoi, Eça de Queiroz, Kant, Goethe, Taine, São Francisco de Assis, William James, Bergson, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco entre tantos outros citados. A sua admiração por Tolstoi o levou a afirmar a sua intenção de ter o escritor russo como guia.

"Vai ao povo e procura compreendê-lo, ensina Tolstoi. Exatamente o contrário do que fazem esses imbecis que são quase todos os doutores, sacerdotes, mestres e bacharéis brasileiros que, mesmo quando vêm da parte mais humilde do povo, se afastam do povo" (TM-p.11, 1916).

Lamentava-se que "neste pobre Recife" só houvesse indivíduos que quisessem aprofundar-se "no seu saber", mas salientava seu descrédito em autodidatas. "Não acredito muito em saber ou em ciência de autodidata. Talvez por isto não me entusiasme por Tobias. Entretanto, não estou sendo já um autodidata?" Falava, também, da sua preocupação com o seu futuro. "E preciso ter cuidado. Preciso sair daqui". Era o ano de 1917 e a guerra atrapalhara seus planos de ir a Europa, o que o deixara frustrado. "Mas aqui está o meu caiporismo: a Europa está agora tão fora do alcance das minhas mãos quanto a lua" (TM-pp.13-4). Terminaria viajando mesmo para os Estados Unidos, para onde também tinha ido, anteriormente, seu irmão Ulysses.

O seu grande sonho era estudar em Heidelberg, Paris ou Oxford. Mas procurava consolo para justificar sua ida para a universidade norte-americana, encantado que estava com o filósofo William James a quem considerava, juntamente com Bergson, os filósofos modernos mais capazes "de dar ao mundo de agora uma filosofia adequada a várias formas novas de experiências humanas" (TM-p.15, 1917). Viajaria, em 1918, carregando curiosidades e frustrações e, inevitavelmente, saudades do Recife, cidade que teria destaque especial em toda sua reflexão como intelectual, lugar, para ele, privilegiado pela sua história, encantos e tradições¹².

Apesar de seus desejos de aproximar-se mais de perto do conhecimento científico e de conhecer e dominar a produção intelectual mais recente, Freyre mostrava-se admirador dos escritores ligados à literatura, considera-

dos clássicos das línguas portuguesa e espanhola com Cervantes, Calderón, Camões, Gil Vicente e dos “místicos e moralistas por nenhum alemão ou russo ou inglês ou francês ou italiano excedido em profundidade”. Não poupava, inclusive, críticas aos “cientificistas” ou “modernistas” que não se apercebem do fato de que o que eles consideram “moderno” com tanta ênfase, “é um instante que depressa amadurece em antigo e apodrece em arcaico”. Para Freyre,

“os místicos nos põem em contato com o mundo que nos faz esquecer tanto os valores morais como os científicos, não por serem valores de todo sem interesse ou sem verdade, mas pela sua insignificância ao lado dos valores que só as intuições dos mais-do-que-poetas alcançam” (TM-p.23, 1918).

Na sua crítica aos modernistas, Freyre apontara traços que se inscreveriam com frequência nas suas análises: uma certa antipatia com os excessos modernistas, um relembrar da força significativa e imprescindível das tradições, a construção de textos que não se deixassem submergir na linguagem cientificista e que não deixassem de ter ligações com a literatura, a intuição e a imaginação com elementos importantes da pesquisa científica. Seus planos iniciais como relação aos seus estudos e pesquisas já estão bem esboçados em 1921. Ele planeja escrever uma história que ele suponha bastante original: “a história do menino - da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios - brasileiro, desde os tempos coloniais até hoje” (TM-p.60).

Nas suas especulações sobre a sua pesquisa, já iniciada, Freyre fez uma crítica interessante a concepção de história que ele chamava de convencional. Diz que

“todo espaço, as histórias convencionais - talvez em todas até hoje escritas - é ou tem sido pouco para a glorificação dos adultos; e dentre os adultos, só os homens: dentre os homens, só os importantes como políticos e militares”. E

acrescenta que “não há compreensão possível do Homem, deixando-se procurar compreender a Mulher e o Menino. Como não é possível compreender-se o Senhor, sem se compreender o Escravo” (TM-p.60, 1921).

Em 1922, na sua passagem por Oxford, mais uma vez retoma a sua crítica, acusando certos historiadores de serem, na verdade, “*simples estudiosos dos fatos chamados históricos*”, porém ignorando as relações entre esses fatos. Apesar desses historiadores, segundo Freyre, se julgarem senhores de uma época, eles se limitaram a reunir “*a respeito dessa época os fatos mortos como quem juntasse gravetos secos; e posto eles de pé e em fileira, dando a tudo isso alguma hierarquia e certos coloridos pitorescos*”. Freyre se opõe, portanto, a uma história “*que se contenta com as datas e os nomes de reis e de generais*” (TM-p.100).

A idéia de escrever a “**História da vida de menino no Brasil**” continua presente nas anotações de Freyre, mesmo depois da sua volta ao Recife. Em 1924, registra que vem

“colhendo muita nota de possível interesse sociológico e antropológico sobre a vida da gente das mucambarias do Recife. Sobre gente adulta e sobre a criança. Pois continuo com a idéia de uma História da vida de menino no Brasil que venha dos primeiros tempos coloniais (cartas jesuíticas, relações, diários de viajantes) aos dias atuais” (TM-p.147).

O mesmo acontece, em 1926, quando, inclusive, ressalta, mais uma vez, o caráter inédito do tema (TM-p.197). Em 1928, a idéia permanece firme, embora só a tivesse revelado aos amigos mais íntimos com José Lins do Rego, Oliveira Lima, Manuel Bandeira... (TM-p.222).

Coloca muita expectativa na construção e realização do seu trabalho, pois acredita no seu caráter profundamente renovador, introdutor de “*novas técnicas ou combinações de métodos - o antropológico baseado*

no psicológico, o histórico-social alongado no sociológico - para a captação e a revelação de um social total". Entusiasmado compara-se a Santos Dumont:

"Serei outro brasileiro inventor de nova técnica de domínio do homem sobre problema que continua fechado aos homens de ciência: o da análise e sobretudo revelação do social, por métodos que alcançam o assunto em sua totalidade indivisível de vida e de tempo".

O seu método evitaria, para ele, que a vida continuasse sendo *"dividida, retalhada e mutilada, por metodologistas como que assassinos"* (TM-p.222).

Freyre tem, efetivamente, grandes pretensões para seu futuro intelectual, mesmo antes dos anos vinte, e, sempre, nas suas anotações do diário não escondera os elogios que recebera e também os que ele próprio se fizera: *"Repito: Armstrong talvez seja o único que me compreende nesta Baylor onde, sem ser compreendido, sou, entretanto, tratado quase por toda gente como um príncipe"* (TM-p.30, 1919). Já, 1920, recebe uma carta de Oliveira Lima que o aconselha a não voltar para o Brasil e o seu Professor Armstrong insiste para ele se tornar um escritor em língua inglesa. *"Não há futuro para um grande escritor em língua portuguesa - língua obscura - e tome notas das minhas palavras: em V. há o germe de um grande escritor"* (TM-p.40). Nem mesmo a sua convivência nos Estados Unidos abalou suas convicções. Sente-se superior. *"Não digo propriamente gênio - a palavra gênio soa de modo quase místico aos meus ouvidos - mas superior. Deve haver em mim alguma coisa de antibanal, anticomum, antimedíocre"* (TM-p.77, 1922).

Aliás não teve Freyre, de forma alguma um deslumbramento com a vida norte-americana. Afirma ficar estarrecido com preconceito racial, com a maneira como o negro era visto pelos brancos (TM-p.33, 1919).

Destaca também que *"os americanos médios são na verdade o menos criador de grandes valores dentre os grandes povos modernos. O que lhes vem da Europa, ainda quente de originalidade criadora, eles deixam primeiro esfriar"* (TM-p.67, 1921). Vê com muita desconfiança uma civilização que, para ele,

"além de exaltar demais a saúde dos corpos, vem se esmerando em inventar máquinas capazes de substituir o próprio pensar e o próprio sentir dos homens; e de poupar-lhes o próprio esforço de abstração e a própria volúpia dos êxtases" (TM-p.99, 1922).

Freyre não se mostra muito simpático com as invenções modernas ou os possíveis exageros da modernização, a rapidez acentuada das mudanças, o materialismo excessivo que atravessa os projetos dos homens encantados com o reino das mercadorias. Suas simpatias estão mais marcadas por outros tempos menos velozes, menos deslumbrados com a correria dos impulsos da mecanização. A sua estada em Oxford, em 1922, provoca comentários de satisfação, pois a velha Universidade lhe fascina, possui *"uma combinação íntima da Tradição com a Modernidade"* (TM-p.106). Aos arrojados e ousadas modernistas contrapõe, em uma das suas anotações parisienses, *"o poder criador dos gênios que se exprimem um tanto à revelia de tempos cronológicos; e desatento a modas e a vogas"* (TM-p.116, 1922). O modelo da modernidade norte-americana não condiz com os seus projetos, sente-se mais próximo da cultura européia e suas rápidas passagens por cidades importantes da Europa confirma isso. Mas o Brasil tem, para ele, seu caminho próprio, com suas misturas culturais bem particulares, onde a *"civilização"* convivera e convive com o *"primitivo"* (TM-p.146, 1924).

Talvez tenha razão Freyre quando se colocava como paradoxal. A sua aceitação de autores modernos, com os quais podia ter suas discordâncias, como, por exemplo, Marx

e Freud e tantos outros, estava acompanhada pela crítica sempre presente às desvantagens da modernização (TM-p.202, 1926). Quem sabe não concordaria com a citação de Peter Gay das perplexidades do historiador Burckhardt:

*"O homem moderno, escreveu Burckhardt, com matizes sombrios, renunciou alegre e estupidamente aos valores solidamente estabelecidos do refinamento e da diversidade em favor dos dúbios benesses oferecidas pela novidade. A gente de hoje sacrifica, se necessário, toda a sua literatura para tomar um trem noturno expresso"*¹³.

Freyre preferia o não sacrifício da literatura e não compartilhava com a paixão pelo trem noturno. Sentia-se superior e diferente como já vimos anteriormente e não passageiro da mediocridade¹⁴.

O retorno ao Brasil vai mexer com as suas experiências no exterior e criar situações de conflito. Estava com planos de viver como escritor, essa era a sua vocação (TM-p.40, 1990). Também, suas leituras, experiências universitárias, contatos intelectuais, consolidaram seu interesse por uma antropologia social e cultural. Mas vê a ciência como complemento da arte. *"Caminhamos para uma fase que não será nem Ciência em detrimento da Arte nem de Arte desacompanhada de Ciência, mas das duas: essenciais à compreensão do Homem pelo Homem"* (TM-p.44, 1920). Porém como viver como escritor no Recife, como articular os tantos aprendizados e vivências, reconciliar-se com antigos costumes, afastar-se dos núcleos centrais da modernidade? Será que seu grande amigo Oliveira Lima tinha razão quando dizia que seu meio havia de ser no estrangeiro? (TM-p.73, 1922).

Essas questões o preocupam, mesmo antes de ter tomado a decisão final de retornar. Nas anotações do seu diário, em 1922, coloca que se julga no dever de regressar. No entanto, ressalta que ainda falta um ano para

decidir e acha que o ano que passará na Europa ajudará na sua opção. Mais uma vez lembra, em 1922, que o Professor Armstrong agora deseja que Freyre se naturalize americano, com a possibilidade de ir passar dois ou três anos em Oxford, como Rhodes Scholar. Mas reafirma a sua convicções: *"Renunciar ao Brasil não renunciaria por vantagem nenhuma. Do mesmo modo que no Brasil não renunciaria ao Recife ou a Pernambuco - pelo Rio ou por São Paulo"* (TM-p.74).

A sua opção pelo retorno, sempre retomada nas suas anotações do diário, é enfatizada como o desejo de realizar um ideal pessoal. Não se trata de uma decisão apenas intelectual, mas também manifesta a vontade de reintegrar-se ao Brasil, pois, não seria dentro das fronteiras do Brasil que deveria viver? *"Minhas origens, minha família, minha Mãe, meu Pai, minha cidade, minha terra, me reclamam pelo que há, em mim, de outras raízes, que não sendo as intelectuais, parecem ser raízes ainda mais fortes"* (TM-p.97, 1922). Mas seu ajustamento intelectual não foi fácil (TM-p.134, 1924). Vários foram os entraves que Freyre, muitos anos depois, irá lembrar, inclusive hostilizações no meio intelectual. Teve a sensação, segundo ele, *"de estar sobrando"*, de sentir-se um verdadeiro intruso¹⁵.

Justificará as reações negativas ao fato do destaque que seus artigos tiveram no *Diário de Pernambuco*, causando inveja aos seus companheiros de geração com pretensões intelectuais. Além disso, acrescentando que os assuntos que abordava *"eram inteiramente novos para o Brasil, como as idéias de Franz Boas, por exemplo, que ninguém conhecia..."*. Dirá Freyre que chegaram a pensar que ele inventara assuntos como imagismo na poesia, o expressionismo alemão. Na verdade, as muitas novidades que contava provoca-

ram impacto, mas o próprio Freyre confessará ter sido acusado de esnobismo sobretudo pelo fato de se vestir à inglesa. Ele aparecia, na década de vinte, na cidade do Recife, como um porta-voz da modernidade, falando dos Estados Unidos e da Europa e suas turbulências culturais, de Soré, Joyce, Freud, Maritain e tantos outros¹⁶.

Embora sentindo-se estranho, não se entrega às primeiras impressões. Volta a um Brasil que ele “não compreendia e ninguém explicava”. Ainda em depoimento posterior lembrará que estava cansado das leituras sobre o Brasil. “E já conhecia bem Joaquim Nabuco, Alencar, Machado, Ruy Barbosa, Eduardo Prado, Graça Aranha. Mas nenhum deles me explicava o Brasil”. Resolve partir para uma busca pessoal, fazer suas descobertas. Mas como? “Misturando-se com a gente do povo, o que se criticou muito na época... Comecei a ir a todos pastores de que tinha notícia, a todos os bumbas-meu-boi, e também a festas religiosas, embora sem ser católico”¹⁷. A volta aos trópicos requeria outros modos de vida.

“Este talvez o meu grande erro: querer pensar neste recanto tropical do Brasil. Pensar, meditar, ler, estudar, escrever. Devo ter menos vida intelectual e mais vida sensual... É difícil, mas possível, em meio tropical, o equilíbrio entre a ciência e o sexo, entre a arte e a inércia” (TM-p.172, 1925).

Mas Freyre não esqueceu também de retomar seus contatos com as tradições aristocráticas que ele tanto simpatizava (TM-pp.158 e 173, 1924 e 1925). Afinal, “os pernambucanos mesmo quando novos-ricos, são fidalgos. Até os plebeus em Pernambuco são fidalgos” (TM-p.244, 1930).

As anotações do diário revelam muitas das trilhas que Gilberto Freyre iria seguir na sua vida intelectual, as opções, a maneira como arquitetava sua explicação para o Brasil, a busca de conciliar a tradição com o

moderno, o seu apego às raízes regionais, a sua simpatia como os estudos antropológicos, o seu desejo de renovar metodologicamente as análises sobre o social e tornar-se um intelectual famoso. Mostrava-se obstinado. É Peter Gay quem afirma que

“o ego está contínua e zelosamente empenhado numa busca do mundo. Forçado a navegar entre faróis que emitem sinais conflitantes e fragmentários, além de estar exposto às próprias pressões internas, ele procura extrair o maior número possível de informações de suas sensações e percepções. Trabalha no sentido de evitar os perigos e de repetir os prazeres”¹⁸.

Freyre vislumbrava, nas suas anotações, que sua navegação daria outra tradução aos sinais conflitantes. A casa grande e a senzala teriam suas conciliações, a miscigenação brasileira quebrara padrões e tabus e tinha sua singularidade. Era preciso, portanto, inventar uma explicação que desse conta das multiplicidades da cultura brasileira. Freyre traçava esses caminhos que, para ele, significavam renovação e descobertas. Ser paradoxal trazia certos perigos e pressões, mas não o afastaria dos prazeres de sentir-se superior, distante da mediocridade, provocando polêmicas, recebendo homenagens.

“Tempo de Aprendiz”: o Contraponto da Tradição

O intelectual profissionaliza-se no Brasil e a imprensa apresentava-se como uma alternativa de trabalho importante. Não tanto pelos rendimentos que ela podia pagar, mas pelo espaço que se abria para quem escrevesse nos jornais. Gilberto Freyre conseguira, aos 18 anos, iniciar sua carreira de jornalista, no *Diário de Pernambuco*, convidado pelo seu diretor Carlos Lira Filho. Dos Estados Unidos começara a mandar uma série de artigos chamada “Da Outra América”, onde contava das suas experiências, contatos, e das novidades que causavam impactos. Assim,

foi Freyre construindo seu espaço no meio intelectual recifense, mesmo estando, fisicamente, distante dele. Tornou-se conhecido e, segundo ele, invejado¹⁹. Vamos acompanhar e analisar esses artigos e os outros que publicou no *Diário de Pernambuco* até 1926. Junto como as anotações do diário, os artigos formam um bom núcleo de textos que nos leva a conhecer os caminhos iniciais de Gilberto Freyre²⁰. O nosso objetivo é centralizar a análise na perspectiva de como o autor refletia sobre as relações do moderno com o tradicional, dos seus olhares sobre a questão da modernidade.

Nos artigos escritos dos Estados Unidos, Freyre além de opinar sobre o modo de vida que estava encontrando, as polêmicas intelectuais, se mostrava bastante interessado em acompanhar as coisas do Brasil, em manifestar sua saudade. Estavam presentes menções ao lançamento de livros, sobre os parques em Recife, sobre o ensino da História no Brasil... Nas suas apreciações sobre a sociedade norte-americana mostrava-se bastante crítico, o seu industrialismo não o empolgava, como não lhe parecia nada simpático a maneira como ela tratava a questão racial, nem tampouco "os exageros" da democracia americana (TA-Vol.I-pp.111, 115, 148, 176, 237). Essas críticas ficaram bem evidentes nas anotações no diário²¹.

Mas é nos artigos escritos, após o retorno da viagem, que Freyre coloca-se, claramente, em defesa das tradições e como ferrenho crítico do que ele chama de excessos da modernização. Registra seus desencantamentos com as mudanças que ocorreram em Recife e com a maneira como, no Brasil, se devastava o passado e as suas tradições. "Nós as temos devastado e continuamos a devastá-las com uma perseverança digna de um 'Grand Prix'". E lamenta-se que,

"ao chegar ao Recife, guloso de cor local, um dos meus primeiros espantos foi justamente numa confeitaria, diante da hesitação de um tio meu em pedir um *mate*... O 'chic' era pedir um desses gelados de nomes exóticos. Esses sim, fazem supor refinamento de gosto. Elegâncias da 'Fax-Film'" (TA-Vol.I-pp.320-22, 14/10/1923).

Vê o Brasil entrando num processo de entrega às novidades da modernização bastante perigosas e que assinalam que está se vivendo numa fase crítica da nossa formação. O materialismo invade o cotidiano. "Somos uns voluptuosos da luz elétrica, do bonde elétrico, do fogão elétrico, do automóvel, do cinema... Só o imediatamente útil nos interessa". Os caminhos do progresso nacional vão "tomando o ar horrível duma civilização do conforto físico - espécie de edição melhorada e aumentada do 202 de Jacinto: bons elevadores, bons fogões elétricos, bons lavatórios, bons 'water closets', bons automóveis" (TA-Vol.I-p.332, 11/11/1923).

O seu apego ferrenho à tradição faz qualquer observador atual imaginar que o Brasil estava naufragando nos mares intranquilos das invenções modernas e desprezando rapidamente suas tradições. Freyre chega a propor "uma campanha que nos habilite a contrariar um pouco a atual volúpia da novidade". A perda dos vínculos com o passado nos levaria a perder o instinto de criação que, para Freyre, seria desastroso. "Mas uma estética ou uma ordem política adquirida é apenas um empréstimo a 90%; não identifica um tipo nacional de cultura". O Brasil, insiste, precisa de uma educação que estimule o gosto pela antiguidade, pela tradição. Precisa-se questionar a novidade e suas ameaças (TA-Vol.I-pp.342-43, 9/12/1923). Na verdade, Recife vivencia ares de modernização, mas bem diferentes do ritmo que Gilberto Freyre havia encontrado nas suas andanças pelo exterior²².

A defesa das tradições faz, realmente, de Freyre um intelectual com uma certa singularidade. Ele não atacava a modernidade em todas suas dimensões. Simpatiza com as renovações acontecidas na produção cultural, com manifestações das vanguardas artísticas européias. A questão fundamental é tratar de saber como absorver essas renovações sem afetar a originalidade da cultura brasileira, na sua mistura que ele tanto diz admirar. O mundo das invenções elétricas não lhe atrai. Mostra temer o declínio das humanidades, critica as especializações e o industrialismo. O regional lhe fascina e é ponto básico das suas reflexões. As suas simpatias com o modernismo não são de forma alguma absolutas, sobretudo com o que propõem os intelectuais paulistas. Razões para suas polêmicas, ao mesmo tempo material para busca de conciliar o moderno com o tradicional e firmar sua singularidade como intelectual.

Suas críticas aos intelectuais modernistas fazem parte das suas anotações de diário e de seus artigos no jornal. Quando ocorre a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, encontra-se Freyre fora do Brasil. Na sua permanência, em Paris, mantém, no entanto, contatos com modernistas brasileiros. Frequenta o atelier dos irmãos Rêgo Monteiro, Joaquim e Vicente, tomando conhecimento das invenções modernistas na pintura diretamente. Além deles, Freyre conhece Tarsila do Amaral, Brecheret e Oswald de Andrade. As primeiras impressões parecem boas, pois sintoniza afinidades intelectuais com eles (TM-p.120, 1922). Mais adiante, já em 1923, em Lisboa, afirma que está lendo literatura modernista brasileira. “*Em Paris, estive muito com Vicente do Rego Monteiro, Tarsila do Amaral, Brecheret, todos em fase de assimilarem vanguardismos europeus para os transferirem para o Brasil*” (TM-p.125). Não

havia, ainda, uma crítica direta aos trabalhos dos modernistas por parte de Freyre, mas mesmo diante, sobretudo, dos chamados da arquitetura modernista européia, ele mostrava-se reticente (TM-p.114).

Foi no seu retorno ao Brasil que as críticas ganhavam força. Acusa Ronald de Carvalho de dar às costas ao Brasil, Graça Aranha de devaneios universais e Mário de Andrade de ter “*grande parte da sua modernice mais copiada de modernismos europeus que inspirada em sugestões da situação brasileira*” (TM-p.135, 1924). Mas elogia o grupo do Rio, “*modernistas - na verdade renovadores sem 'ismo' nenhum ligados à Revista do Brasil do qual faziam parte entre outros, Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Holanda...*” (TM-p.185, 1926). No Rio, também estabelece contatos com Villa-Lobos com quem juntou-se numa noite de violão “*com alguma cachaca e com o brasileiríssimos Pixinguinha, Patricio, Donga*” (TM-p.189). Quando de sua visita, em 1926, a São Paulo, anota, no seu diário, que “*a cidade era feia mais simpática.. Sente-se que domina uma região não apenas um Estado. Breve dominará o Brasil*”. Mas com relação aos contatos feitos, diz que “*gente com quem me entendo bem, a paulista, isto é, a paulista velha como os Prado*” (TM-p.192).

Em considerações feitas no *Diário de Pernambuco*, em 15/11/1925, Freyre enfatiza que “*o chamado 'futurismo' de certos poetas e artistas jovens do Brasil tinha mais de 'primitivismo' ou 'instintivismo' que de 'futurismo' ou 'modernismo'*”. Polemiza, no caso, com Guilherme de Almeida, que tinha estado no Recife para proferir palestra sobre a poesia modernista, a quem considera bom poeta, porém bastante fraco nas suas teorizações (TA-Vol.II-pp.226-29). Os espaços dos

artigos no *Diário* passam, cada vez mais, a ser ocupados pelas pregações de Freyre na defesa do regionalismo, de um modernismo que não se deslumbre com os vanguardismos, mas que busque suas inspirações nas tradições locais. Suas experiências no estrangeiro deram elementos para fortalecer suas teses regionalistas. As conferências que assistiu da *Action Française* de Maurras, seus contatos com o poeta irlandês W.B. Yeats, com Amy Lowell nos Estados Unidos, deixaram marcas em Freyre para construção seu regionalismo que, segundo ele, surgiu junto com o seu populismo, “interesse por tradições e valores teluricamente brasileiros e por tudo que fosse popular sem ser popularesco”²³. O articular o modernismo com a tradição e o regionalismo era tarefa importante a que se propunha Freyre, possivelmente, no seu entendimento, o melhor caminho para salvar a autonomia da cultura brasileira e não cair nos modismos que ele tanto criticava chamando de modernices²⁴.

No Reino da Ambigüidade

A análise dos escritos de Freyre, deste período, levantam questões significativas, para se pensar o papel do intelectual numa sociedade que buscava construir seu projeto de modernidade. O drama de Freyre não era único, nem estava restrito a sua época. As discussões sobre a nossa modernidade faziam parte das polêmicas da segunda metade do século XIX. Essas preocupações criavam construções especulativas interessantes sobre a história brasileira, sobre as relações entre o passado e o presente, sobre a identidade cultural possível, para uma nação marcada pela escravidão e pela dominação colonial.

Freyre arquitetou representações que, ainda hoje, são reverenciadas. Foi o mestre da

ambigüidades, das conciliações impossíveis. O importante era criar o espelho para Narciso se mirar. Sem isso, como pensar numa identidade, como pensar numa cultura que se articule com seu passado, sem desprezá-lo. O moderno e o tradicional são, muitas vezes, tão parecidos e as fronteiras que os separam têm limites tão frágeis. Conviver com as contradições e as mistificações faz parte dos projetos de modernidade. Eles não são uniformes. Talvez, como diria Freyre, modernistas mas ao seu modo tradicionalistas. A cidade do Recife era, sem dúvida, cenário privilegiado para o reino da ambigüidade.

NOTAS

¹ Vários Autores, *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1962. O próprio título do livro sugere a dimensão que é dada à obra de Freyre e os tipos de comentários na sua grande maioria elogiosos. Gilberto Amado, na introdução do livro, diz que “Freyre não é uma Obra; é um método” e mostra “o Brasil que conhecíamos ou pensávamos conhecer, como o que desconhecíamos” (p.5).

² Meneses, Diogo de M. *Gilberto Freyre*. 2ª ed., Recife, Massangana, 1991. No prefácio feito para a primeira edição, Monteiro Lobato afirmou que “felizmente o Brasil futuro não vai ser o que os velhos historiadores disseram e os de hoje repetem. Vai ser o que Gilberto Freyre disser. A grande vingança dos gênios é essa. Por mais que os percevejos e morcegos, e a fauna inteira da mediocridade se agite, o que fica, o de que o futuro toma conhecimentos, é o que os gênios querem” (p.XII).

³ Mota, C.G. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Ática, 1980, p.54.

⁴ Idem, ibidem, pp.54-5.

⁵ Dantas, Lourenço (coord.). *A história vivida*. São Paulo, O Estado de São Paulo, p.145.

⁶ Leite, Dante M. *O caráter nacional brasileiro*. 2ª ed., São Paulo, Pioneira, 1968, p.274.

⁷ Ventura, Roberto. *Estilo tropical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.126.

⁸ Dantas, L., op. cit., p.125.

⁹ Gay, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, pp.19-20.

¹⁰ Vamos utilizar, basicamente, dois livros de Gilberto Freyre que retratam suas experiências na década de vinte. "Tempo Morto e outros tempos" é composto de trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, compreendendo os anos de 1915/1930 e "Tempo de Aprendiz" é uma coletânea de artigos publicados em jornais no período de 1918/1926. Para facilitar a organização e leitura do texto, usaremos duas abreviaturas acompanhadas das páginas citadas e quando preciso o ano, entre parênteses, evitando estar remetendo, constantemente, ao rodapé. O primeiro TM e o segundo TA.

¹¹ Freyre começou a aprender a ler aos seis anos, estudando depois no Colégio Americano Gilreath de orientação protestante, onde fez o curso de bacharel em Ciências e Letras. Nos Estados Unidos, estudou nas universidades de Baylor e de Columbia, onde defendeu tese para o grau de Magister Artium. Maiores detalhes sobre as primeiras trajetórias intelectuais de Freyre, ver Diogo de Meneses, op. cit.

¹² Gilberto Freyre produziu inúmeros textos que direta ou indiretamente mostravam sua forte ligação com a cidade que nasceu. *O Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, cuja a primeira edição saíria em 1934, além de *Recife Sim! Recife Não!*, *Assombrações do Recife Velho*, são alguns dos muitos textos de Freyre sobre o Recife.

¹³ Apud Peter Gay, op. cit., p.54.

¹⁴ Freyre conta que numa recepção que foi, em Washington, na embaixada do Chile, ouviu de uma de suas amigas encantadoras: "Não é preciso ter o dom de profecia para dizer de V. que vai ser um dos grandes homens da América" (TM-p.198, 1926).

¹⁵ Dantas, L., op. cit., p.125.

¹⁶ Idem, ibidem, p.125-26.

¹⁷ Idem, ibidem, p.127.

¹⁸ Gay, P., op. cit., p.168.

¹⁹ Dantas, L., op. cit., p.125.

²⁰ Nilo Pereira, autor do prefácio da coletânea de artigos, diz que "Gilberto se mostra, nestes artigos de adolescência e juventude, o anti-esnobe, o pernambucano que, sem nenhum exibicionismo, passa a tratar de assuntos nossos, sempre como brasileiro do Recife e empenhado em reinterpretar o Brasil, o hispano, o Homem situado no Trópico". Freyre, G. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais escritos na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918/1926*. São Paulo:IBRASA/Brasília:INL, 1979, p.23.

²¹ O próprio Gilberto Freyre, na introdução de *Tempo de Aprendiz*, defendeu-se de quem ele chamou "um certo crítico literário italo-paulista", por tê-lo acusado de haver atualizado seu *Tempo Morto e Outros Tempos*. Não houve nenhuma atualização como não há agora. O adolescente já escrevia quase de modo todo igual ao que viria a ser o modo de escrever - ou estilo - do homem feito" (p.36).

²² Ainda no seu diário fez, em 1922, considerações interessantes sobre "o novo", inclusive comparando a Europa com a América. Dizia ele que, na Europa, há mais iniciativa no sentido de renovação intelectual e estética do que na própria América Inglesa, que intelectual e esteticamente vem assumindo atitudes antes conservadoras que revolucionárias". Já entre o Brasil e os Estados Unidos, o último país citado era "mais ostensiva ou escandalosamente novo nas aparências que o Brasil" (TM-p.81).

²³ Dantas, L., op. cit., p.128.

²⁴ Regina Zilberman afirma que "o regionalismo, desde sua origem romântica, era herdeiro de outro tipo de nacionalismo que propunha a incorporação do local como condição de superar a situação de dependência e imitação de nossa literatura à ficção e poesia de outros lugares" (Zilberman, R., "Regionalismo e pré-modernismo", in *Sobre o pré-modernismo*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, p.133). Na verdade, existia na pregação regionalista de Freyre essa preocupação com o nacional, com a produção intelectual

mais independente, porém vinculada a herança cultural da região.